

**Universidade Presbiteriana Mackenzie**

Gutemberg Silva  
Sylmara Castro Vianna

**Temporalidade na obra “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-  
Ponty**

São Paulo  
2019

Gutemberg Silva  
Sylmara Castro Vianna

**A Temporalidade na obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte das exigências para a obtenção do título de graduação.

Orientador: Prof. Dr. José Estevam Salgueiro

São Paulo

2019

## Resumo

O ensaio discute o capítulo “A temporalidade”, na obra “Fenomenologia da Percepção” de Maurice Merleau-Ponty, relacionando a noção de temporalidade ao campo da Psicologia, com enfoque nos aspectos subjetivos envolvidos na percepção da temporalidade, para compreender como esses fenômenos se relacionam com o sofrimento humano, tendo em vista sua importância para a existência do sujeito como ser biopsicossocial.

Destacam-se, também, as contribuições sobre temporalidade de Sartre, Heidegger e Pascal. São abordadas as dimensões passado, presente e porvir, tratando-se do modo como o sujeito percebe e experiencia a temporalidade, ao considerar os aspectos da historicidade e da liberdade.

Ao considerar que o sujeito existe no mundo e a temporalidade, no campo da presença, ambos se relacionam de forma intrínseca, pois, o tempo é construído a partir da fluidez dos acontecimentos vivenciados pelo sujeito: pela subjetividade passado, presente e porvir são percebidos e dotados de sentidos. A memória acessa o passado e a historicidade, que podem apresentar diferentes sentidos de acordo com as novas experiências e gerar novas percepções. O porvir é dotado de antecipação e fantasia, que são mutáveis, dado o correr dos acontecimentos. O porvir pode trazer a sensação de liberdade, pois é um campo de possibilidades, e, por outro lado, é limitado pelo fim da vida.

O tempo é uma forma de sentido interna e o sujeito é temporal. Portanto, o sujeito que vive o tempo, sofre em função do tempo, pois sentimentos como culpa, raiva e medo surgem a partir da percepção de acontecimentos ou de possibilidades.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, temporalidade, historicidade, liberdade.

## Sumário

Introdução .....	01
Apresentação do capítulo .....	05
Temporalidade, Percepção e Historicidade.....	06
O porvir .....	10
Temporalidade e Liberdade .....	12
Encerramento .....	18
Referências Bibliográficas .....	20

## Introdução

Em “Fenomenologia da Percepção”, Merleau-Ponty discute a temporalidade como um fenômeno subjetivo. Suas dimensões são passado, presente e porvir sem delimitações entre si. Essas dimensões mudam a cada momento presente e possuem perspectivas diferentes de acordo com a consciência de cada observador.

Ao referir-se à temporalidade como uma forma de sentido interna, o filósofo demonstra que o tempo é dado por meio da relação individual com os fatos. Para exemplificar esse caráter do tempo, é dado o exemplo do rio que corre observado por um sujeito em sua margem. A água da nascente é o passado e água escoada é o porvir. Porém, se o observador está no rio, dentro de um barco, o passado e o porvir podem ser as paisagens em volta do rio.

O mesmo exemplo ilustra o fluxo corrente entre passado, presente e porvir, pois a temporalidade se organiza de forma cíclica. A água que passará amanhã está agora na nascente e a água que passou está agora no vale. Ou seja, é possível antecipar o porvir pois há presente, e o presente é representado diante do que já foi passado, pela memória.

Todas essas questões a respeito da temporalidade serão discutidas neste ensaio, visto a importância de espaço e tempo como fundamentais para a existência do ser, no qual o tempo perpassa a sua totalidade, ou seja, a perspectiva biopsicossocial e a forma como se percebe as relações estabelecidas, bem como a necessidade de se ampliar os estudos envolvendo o entrelaçamento das temáticas temporalidade e psicologia.

Desde o nascimento até a morte de cada indivíduo, passando pelas fases da vida identificadas como infância, adolescência, adulta e velhice, que, por si só, demonstra um fluxo temporal e certa necessidade de sua demarcação durante a vida, assim como todas as relações estabelecidas em sociedade, além da presença

fundamental do aspecto do “espaço”, a temporalidade é inerente aos seres e estruturas tais relações, uma vez que está relacionada a sua existência, à sucessão de fatos, as suas experiências.

A atuação do psicólogo, nesse sentido, em grande medida está situada no decorrer do tempo na vida do sujeito e como este o percebe, pois, dentre outras demandas que fazem jus à busca pela área, nota-se na saúde, por exemplo, que o sofrimento que dá causa a uma procura pelo auxílio psicológico, envolve as dimensões do tempo fluido, ocasião em que o passado tem a sua influência na medida em que mantém os fatos “vivos” na memória no momento presente e o futuro é presentificado por meio da antecipação, o que possibilita desenvolver expectativas, fantasias e elaboração acerca dos acontecimentos.

Para esse fim, foi escolhida a obra “Fenomenologia da Percepção”, de Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo e psicólogo francês. Em 1930, ele se formou na École Normale Supérieure, onde conheceu Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, entrou em contato com a Fenomenologia de Edmund Husserl, e com a filosofia de Martin Heidegger. Lecionou em vários liceus e foi professor na Universidade de Lyon (1948) e na Sorbonne (1949). O autor também serviu como oficial do exército na II Guerra Mundial e, nos primeiros anos do pós-guerra, participou do Partido Comunista.

Em 1945 apresentou sua tese de doutorado: “Fenomenologia da Percepção”, que foi publicada no mesmo ano, na França. Esta é considerada uma das suas principais obras, a qual teve enorme influência de Husserl. No Brasil, sua primeira publicação foi em 1971, pela editora Freitas Bastos. A edição analisada neste trabalho é a segunda, de janeiro de 1999, da editora Martins Fontes. Atualmente, o livro já se encontra na quarta edição, lançada em 2011, pela WMF Martins Fontes.

A estrutura do livro consiste em 662 páginas, com o prefácio, a introdução “Os prejuízos clássicos e o retorno aos fenômenos”, três grandes partes: “O corpo”, “O mundo percebido”, “O ser-para-si e o ser-no-mundo”, subdivididas em capítulos.

Em meio ao contexto do pós-guerra, o autor apresenta as suas principais ideias sobre a questão do ser, colocando o corpo como sujeito da percepção no mundo. Faz críticas ao empirismo e ao idealismo, e, com destaque, censurou o cogito racionalista cartesiano. Ele traz a relação do ser com o mundo, cercada por historicidade, experiências do real e do imaginário, e de consciência e significados. Dentre suas principais discussões presentes no livro, está a questão “A Temporalidade”, título do segundo capítulo da terceira parte.

Merleau-Ponty não traz um conceito estrito para a temporalidade. Ele expõe, ao longo do capítulo, a relação íntima entre tempo e subjetividade. Parte da afirmação que o ser e sua existência são temporais, e que a compreensão de tempo e a compreensão de sujeito são inerentes.

Essa relação é sustentada a partir da noção de acontecimento. O acontecimento é descrito como um fato, um evento, que possui caráter acidental ou fortuito. Irene de Arruda (1955) referindo-se a Foucault traz essa ideia como a abertura de um campo de possibilidades, pois o acontecimento caracteriza-se pela sua aparição repentina em um momento único. De acordo com a obra discutida, é um recorte da totalidade espaço temporal do mundo objetivo e depende de um sujeito que o experencie para existir. A individualidade do acontecimento é trazida pela perspectiva do sujeito que o presencia. Essa visão reforça o caráter subjetivo do acontecimento e do tempo.

O tempo não se caracteriza por uma sucessão de acontecimentos. Passado, presente e porvir coexistem. A consciência faz com que o tempo se desdobre e permite que o sujeito esteja presente no passado e no porvir. Se colocar no passado, é recordar e se colocar em um momento que já foi um porvir vazio. O porvir se forma diante do presente e pode ser antecipado, tornando o presente passado.

O entendimento do tempo ocorre a partir da posição, do lugar do observador, que atua fazendo a “passagem” do tempo, em contrapartida a ideia de que é o rio que passa, no exemplo supracitado. Este “passar”, na verdade, é percebido por meio

daquele que observa. Assim, a observação feita pela pessoa que está à margem do rio, que vê a sua "passagem", ou seja, que vê o fluxo do tempo, não o vê no sentido do senso comum, de sucessão de fatos, e sim, do fluxo entre as partes do tempo em que não há ordem, podendo passar do presente para o passado ou do presente para o futuro por meio da percepção dos fatos a sua volta.

Contudo, é dito que o acontecimento não possui lugar no mundo objetivo e que este mesmo mundo é incapaz de trazer o tempo. É verdade que sem fluidez e subjetividade, o tempo estaria destruído, mas, se o agora está no mundo objetivo, como este mundo pode não trazer o tempo? O sujeito que observa o barco que passa, está no agora e precisa do barco - que também está no agora - para estabelecer sua relação com fenômeno. No campo da presença é onde se encontra o que passou e o que há por vir. Não haveria acontecimento, nem recordação, nem porvir sem um plano objetivo.

O tempo é compreendido, não como uma dimensão objetiva da realidade, mas como uma construção do sujeito, "um ponto de vista", o qual tem uma certa "direção". As partes do tempo, organizadas como passado, presente e futuro, são estruturadas a partir da percepção do sujeito, que atua em sua construção. Assim, estas partes não estão nas coisas, e sim, no sujeito que atribui o sentido do tempo por meio da experiência que o corpo tem na relação com os objetos, ou seja, de sua percepção, visto que o tempo é dado como dimensão do ser.

O ser se coloca no tempo pela intencionalidade, que é uma expressão usada por Husserl para indicar uma característica essencial da consciência, em que é sempre a consciência "de" algo. É o tempo que introduz o presente na realidade humana. As dimensões do tempo, portanto, estão entrelaçadas no momento "atual" e o sentido de seu fluxo tem relação com a intencionalidade, pois esta se dá na temporalidade.

Pode-se pensar, nessa perspectiva, o tempo como vetores, entendendo-os como um movimento que o tempo faz no sentido de passado, presente e futuro em



um fluxo que não tem delimitações, sendo este movimento orientado no próprio ser, pois ele é o tempo, dando causa a este movimento. Este direcionamento, a partir do tempo presente, volta-se ao passado ou futuro por meio da memória e da antecipação.

Desse modo, a noção de passado, presente e futuro é experienciada pelo sujeito de forma simultânea, ou seja, a temporalidade passa a ser entendida como horizonte existencial, em que a direção dada ao tempo ocorre porque os seres são o tempo.

### Apresentação do Capítulo

O capítulo “A Temporalidade” da obra “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty constitui em um único texto que pode ser dividido em quatro movimentos. O primeiro consiste na introdução acerca do tempo como fluido e subjetivo. O desenvolvimento é subdividido no movimento da recordação como parte vista sob um todo formado pelo passar do tempo e em seguida, no tempo e no sujeito como constituintes um do outro. O fechamento traz a questão do sentido que o sujeito estabelece com o mundo, construído a partir da relação entre sujeito e tempo.

Para discorrer com mais clareza sobre o capítulo, torna-se relevante explicitar uma concepção de sentido, pois esta é uma ideia que permeia por todo o capítulo desde o seu início ao afirmar que o tempo é subjetivo. Segundo Vigotski, na obra *A construção do Pensamento e da Linguagem*, o sentido é a soma de todos os fatos psicológicos despertados na consciência, é uma formação dinâmica e inconstante, que se modifica de acordo com as circunstâncias, “é determinado, no fim das contas, por toda a riqueza dos momentos existentes na consciência” (2000, p. 466). Pode-se afirmar que o sentido é fluido como o tempo. O mesmo barco que passa agora no rio em frente o observador 1 é presente para ele, porém é porvir para o observador 2 que se encontra mais adiante. O sentido estabelecido para “barco” entre os observadores também muda e flui. O observador 1 pode ser uma criança que está vendo um barco de verdade pela primeira vez, que se parece ou não com os barcos que via em seus

livros de histórias. O observador 2 pode ser um pescador que está a descansar e o barco evoca seu trabalho, trazendo sensações positivas ou negativas em relação aos acontecimentos que se sucedem na sua rotina.

Ao recordar um acontecimento, o observador 2 o recorda sob um quadro diferente, devido a todos os outros acontecimentos que sucederam a ele. O tempo passa a ser trazido como uma rede de intencionalidades, conforme o primeiro momento do desenvolvimento do presente capítulo, quando Merleau-Ponty se refere a Husserl para afirmar que a recordação é uma parte que se reconfigura de acordo com o todo, ou seja, o conjunto das passagens que se sucederam com o correr do tempo. Em seguida o autor apresenta a ideia de que para haver tempo é necessário a existência do sujeito e para o sujeito existir, é preciso que haja tempo visto que a consciência traz o movimento da temporalidade e o sujeito se encontra localizado na temporalidade presente, permeado de relações de sentidos construídos pelo passado e em direção ao porvir. O tempo é o que retira e traz possibilidades para o sujeito constituindo assim, tempo como sentido.

O capítulo é concluído com a questão da relação do ser com o mundo, dada a partir da compreensão da relação do ser com o tempo e da atribuição de sentidos. O mundo existe para o sujeito porque sua consciência opera no mundo e é capaz de atravessar as temporalidades. Dessa forma, é possível que a história individual acesse a história coletiva, pois o presente acessa um passado que o ser não viveu e um porvir que também poderá não viver.

### Temporalidade, Percepção e Historicidade

Inicialmente, Merleau-Ponty apresenta a questão da temporalidade como caminho para entender a subjetividade. Para este fim, aduz a necessidade de, visando compreender o sujeito em sua forma pura, atentar para a posição dele no ponto que

conecta suas dimensões existenciais. Em seguida, expõe o conceito de temporalidade e como se dá a passagem de suas dimensões discutindo-a a partir de alguns pensadores da antiguidade, tais como Heráclito, Kant, Leibniz, Santo Agostinho, Bergson, além da própria compreensão proveniente do senso comum.

No âmago da apresentação dessa questão, Merleau-Ponty denota que é a partir do encontro da subjetividade com o mundo que vai acontecer a percepção das coisas. Essa confluência se dá na dimensão do tempo mais fundamental, o presente, levando também em consideração os seus horizontes, pois ao ressignificar as experiências, em um processo de surgimento de novas percepções no presente, o passado e o porvir estão exercendo influência de modo simultâneo.

Esta percepção, por sua vez, é o processo que permite o primeiro contato com o mundo, onde não se parte de um conhecimento abstrato acabado para apreendê-lo, mas do contato direto com as coisas, que, em sua experiência originária, torna possível senti-las. A relação estabelecida com o mundo é viabilizada, portanto, pelo corpo, por meio dos sentidos, os quais fazem a ligação entre a realidade interna e a externa.

Assim, a experiência obtida com a percepção do tempo se dá no que Merleau-Ponty nomeia como "campo de presença", quando ele esclarece:

É em meu 'campo de presença' no sentido amplo - neste momento em que passo a trabalhar tendo, atrás dele, o horizonte da jornada transcorrida e, diante dele, o horizonte da tarde e da noite - que tomo contato com o tempo, que aprendo a conhecer o curso do tempo. (p. 557).

É neste campo de presença que se dá a experiência do contato com o tempo, que se percebe o seu curso, as dimensões passado, presente e futuro, e esta é uma experiência originária que resulta da relação da subjetividade com as coisas.

O acesso à história coletiva é viabilizado pela existência individual e pelo presente vivido. É no presente que as temporalidades se encontram, posto que a consciência é capaz, além de presentificar o passado, de evocar passados não experienciados pela história individual. Merleau-Ponty não se aprofunda na questão da historicidade, mas apresenta ideias que podem ser diretamente relacionadas a ela, por exemplo, ao apresentar a rede de intencionalidades em que ao se recordar de A, a recordação é, na verdade, A', porque A aconteceu no momento em que foi experienciado e não existe mais. O que se encontra no agora não é mais A, é agora A'. Se esse raciocínio for movido para o plano coletivo, o A pode ser um acontecimento de um passado distante vivido por uma sociedade que não existe mais fisicamente. Ao tomar conhecimento sobre esse acontecimento, o sujeito que está no presente passa então a conhecê-lo, porém, como A' ou A'' ou A''' e assim por diante.

Tanto para quem experienciou A quanto para quem não experienciou A, o que se encontra no agora é o A'. O sujeito que recorda ou que conhece A é um expectador que se encontra em uma determinada cultura, de uma determinada sociedade e principalmente, em uma determinada temporalidade. Todos esses fatores trazem determinada percepção sobre A, fator que caracteriza A'. As passagens que se sucedem ao decorrer do tempo trazem diferentes percepções de um mesmo acontecimento passado. A percepção, assim como o corpo, se encontra no presente. Ela está no campo subjetivo e é fluída, assim como o tempo e os sentidos. A medida que o tempo corre, surgem novas percepções e são criados novos sentidos sobre aquilo que já passou.

O corpo é o meio pelo qual há a junção do tempo ao ser quando este nasce, o que o caracteriza como ser temporal porque esta fusão não pode ser desfeita, pois, como diz Merleau-Ponty, "eu não escolhi nascer e, uma vez nascido, o tempo funde-se através de mim, o que quer que eu faça." (p. 567). É, portanto, por meio da existência, que precede a essência, que o corpo tem acesso ao tempo, ou seja, é por meio do corpo que o tempo é objetificado.

É por isso que há a sensibilidade do corpo ao tempo ao longo da existência, o corpo se degrada, ele reage diante da ação do tempo; o corpo está no tempo. Percebe-se pela passagem do tempo que há o envelhecimento do corpo, suas células se deterioram, pois ele responde, ou seja, é sensível a esta passagem como experiência, surgindo e se findando no tempo.

Dessa objetivação dar-se-á a subjetivação, em um processo dialético, pois, a medida em que os fatos ocorrem, como o nascimento de um ser, o desenrolar da história, o próprio indivíduo irá experienciá-los, percebê-los de forma a constituir sua subjetividade, a qual diz respeito à relação do corpo com o mundo.

Nessa perspectiva, mesmo Merleau-Ponty não aprofundando a questão da liberdade neste capítulo, esclarece que o tempo presente é o fundamento das nossas escolhas e da espontaneidade, ressaltando que "é sempre no presente que estamos centrados, é dele que partem nossas decisões". (p. 573). A tomada de decisões, por estar no tempo presente, definirá a existência do ser humano, seu modo de ser e estar no mundo, sendo suas escolhas reflexo da liberdade imposta ao homem.

A temporalidade se condensa com o sujeito, porque o que faz com que o sujeito presente transite pelos tempos passado e porvir é a consciência. É a consciência que percebe as experiências e sem ela não há sujeito e sem sujeito não há tempo.

A "síntese" do tempo é uma síntese de transição, ela é o movimento de uma vida que se desdobra e não há outra maneira de efetuar-la senão viver essa vida, não há lugar do tempo, é o próprio tempo que se conduz e torna a se lançar. (p. 567).

O sujeito vive o ontem, o hoje e o amanhã e sua referência são os dias e as horas. O tempo, portanto, permanece em sua forma cíclica. O passado que já foi presente certifica a existência do porvir. Merleau-Ponty define um limite para o

passado, que é o esquecimento. Os acontecimentos nunca deixam de ser porque são conservados pela memória.

Porém, o sujeito não traça o tempo, ele traça história através do tempo, visto que o tempo existe antes do sujeito nascer e continuará a existir depois que o sujeito morrer. Ao viver no tempo é que o sujeito se condensa a ele, pois a medida que ele passa, constitui um paradoxo em que retira oportunidades de ser enquanto oferece novos horizontes.

### O porvir

O porvir se desdobra diante do presente constantemente. Ele é definido por um “vazio que agora se forma diante do meu presente” (p. 554). O porvir é planejado por antecipações e preenchido pelas experiências. É em função das experiências já vividas e da percepção sobre os fenômenos que as antecipações são feitas. Ou seja, a memória é fundamental para que se pense sobre o porvir. Se não houvesse memória, de nada adiantaria viver o tempo em sua forma cíclica, pois não haveria lembrança de que o hoje possui o mesmo número de horas que o ontem, e antecipar que, dessa forma, o amanhã também terá o mesmo número de horas.

Se o porvir é dotado de memória, ele é também dotado de sentido, assim como o passado e o presente. A temporalidade é, como Merleau-Ponty defende, subjetiva. O mundo objetivo não deve ser desconsiderado visto que é onde o agora se encontra. Porém, ao considerar prioritariamente o mundo subjetivo para compreender o fenômeno da temporalidade, como é possível então, definir o porvir como um vazio? O sujeito que antecipa não experiencia o porvir, mas subjetivamente, traça planos, cria fantasias, enfim, antecipa.

Em “Ser e Tempo” Heidegger traz a antecipação no âmbito da morte. A morte é o fim de todas as possibilidades. É pela antecipação da morte que “a presença pode

se tornar potente em si mesma” (p. 190). O sujeito transmite para si o fenômeno da morte, historicamente conhecido, e projeta sobre o seu tempo.

A história está tão essencialmente enraizada no porvir que a morte, enquanto a possibilidade caracterizada da presença, relança a existência antecipatória para o seu estar lançado de fato, só então conferindo ao vigor de ter sido o seu primado característico da história. (HEIDEGGER, 2005, p. 192).

Conforme discutido, o limite para o passado é o esquecimento. A morte pode, então, ser considerada um limite para o porvir.

Dessa forma, pode-se afirmar que o sujeito é limitado pelo tempo. Merleau-Ponty trata a eternidade como uma ilusão trazida pelo caráter cíclico do tempo. Além disso, o autor certifica que o sujeito é temporal e não eterno. Por essa visão, entende-se que não existe eternidade porque o tempo do sujeito acaba quando o fim da sua vida é atingido. Sendo assim, o tempo também não é passível de ser eterno, já que só é possível compreendê-lo quando há a presença do sujeito, pois é ele quem vive o tempo e não se encontra no tempo. Se assim fosse, sujeito e tempo teriam que compreendidos de formas independentes, como se um não fosse essencial ao outro.

Por meio da subjetividade, o sujeito baseia-se suas percepções acerca de experiências passadas para antecipar o porvir, enquanto sua direção é sempre essa, o porvir. O tempo é construído a medida que o sujeito alcança o porvir. O tempo é quando o sujeito o vivencia: Merleau-Ponty escreve que “somos o surgimento do tempo” (p. 573). Não é necessário que essa vivência seja alcançada no mundo objetivo, a antecipação pode ser considerada uma forma de viver o porvir, o tempo que irá chegar mas já existe subjetivamente.

A existência do sujeito é fluida com o tempo, corre como as águas do rio, e o tempo passa, deixando possibilidades para trás e trazendo novas até que seu curso chegue ao fim. O sujeito é limitado pelo tempo e isso influencia sua liberdade.

### Temporalidade e Liberdade

Merleau-Ponty não aprofunda a questão da liberdade neste capítulo, mas salienta que o tempo presente é o fundamento das nossas escolhas e da espontaneidade, ressaltando que "é sempre no presente que estamos centrados, é dele que partem nossas decisões". (p. 573). A tomada de decisões, por estar no tempo presente, definirá a existência do ser humano, seu modo de ser e estar no mundo, sendo suas escolhas reflexo da liberdade imposta ao homem.

A liberdade, para Sartre, em *O Ser e o Nada*, não pode ser definida como um conceito, pois ela não tem essência, ela "é fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas ao transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias" (p. 541). De acordo com o autor, a liberdade é o que o sujeito faz diante de uma situação posta.

Pelo fato de ter consciência dos motivos que solicitam minha ação, tais motivos já constituem objetos transcendentais para minha consciência, já estão lá fora; em vão buscaria recobrá-los: deles escapo por minha própria existência. Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre." (p. 542).

O sujeito é livre a partir do momento em que ele está no mundo, dado que ele é responsável pelo o que faz e o que é feito é produto de uma escolha do próprio sujeito.



Sabe-se, segundo as leis da física, que é possível viajar no tempo, por isso estamos seguindo em direção ao futuro. Segundo estas leis, o tempo não é percebido de igual modo entre as pessoas, pois, por exemplo, para quem está em altíssima velocidade em uma espaçonave, o tempo passa de maneira diferente, ele escoar mais devagar quando comparado ao indivíduo que está em um referencial oposto, fazendo com que o corpo deste envelheça mais que aquele que está em uma velocidade descomunal. Desse modo, nota-se tanto na física como na filosofia, o caráter subjetivo da percepção do tempo, o qual passa distintamente de acordo com a posição do sujeito.

Uma das situações mais comuns quando se recorda um acontecimento que acarretou perda ou dor, é tentar verificar as variáveis que, em conjunto, deram causa a tal sofrimento. Depois, tenta-se imaginar uma ação que se feita momentos antes de tal ocorrência, poderia evitá-la com a mudança no encadeamento das ações envolvidas em sua causa. A vontade de voltar no tempo, portanto, dá-se, muitas vezes, em função de se querer alterar algo feito naquele momento específico e que não pode mais ser modificado. Por exemplo, se uma pessoa em viagem nas férias sofre um acidente de carro e fica paraplégica, pode começar a pensar que se pudesse voltar no tempo, não teria feito tal viagem. Ou que poderia ter seguido uma rota diferente. Ou, ainda, ter viajado em outro horário, uma outra data, dentre outras inúmeras ações que poderiam ser tomadas, de modo que agora estas são pensadas como uma tentativa de ter sido evitado o mal que a acometeu.

As escolhas humanas, que têm os seus efeitos, suas responsabilidades, têm o seu ônus intensificado em razão da inviabilidade de mudar o que aconteceu porque não é possível voltar objetivamente no tempo, ou seja, reabrir o tempo e realizar outras ações antes do acidente. Essa condição acaba sendo o motivo da inquietude, do sofrimento humano frente aos acontecimentos da vida.

Como não é possível ligar-se objetivamente ao passado, resta acessá-lo via

memória, passando-se, portanto, pelo crivo do sujeito. Quando é feito esse elo com o passado, seja este recente ou distante, na tentativa de imaginar os diversos caminhos que poderiam ser seguidos, sem, contudo, poder alterar objetivamente um acontecimento, é comum surgir um sentimento de impotência.

O apego ao passado, como as tentativas de “modificar” certo revés ocorrido na vida, sobretudo, dá-se quando o presente não faz o indivíduo se sentir bem, quando tem que lidar com o constante sofrimento diário, como destaca Pascal, na obra *Pensamentos*:

Não ficamos nunca no tempo presente. Antecipamos o futuro como demasiado lento para vir, como para apressar o seu curso; recordamos o passado, para pará-lo, como demasiado pronto: tão imprudentes que erramos nos tempos que não são nossos e não pensamos só no que nos pertence; e tão vãos que sonhamos com os que não são mais nada e evitamos sem reflexão o único que subsiste. É que o presente de ordinário nos fere. Ocultamo-lo à nossa vista, porque nos aflige; e, se nos é agradável, arrependemo-nos de vê-lo escapar. Tratamos de sustentá-lo pelo futuro, e pensamos em dispor as coisas que não estão em nosso poder para um tempo que não temos nenhuma certeza de alcançar. (2002, p. 241).

É esperado refugiar-se nos bons momentos remotos da vida quando o presente é insatisfatório, parecendo não trazer esperança. Recordar o passado é uma maneira de “blindar-se” da dor do presente. Do mesmo modo, voltar-se ao porvir e projetar certas fantasias também pode ter semelhante efeito.

Nesse sentido, parece ser mais fácil pensar que, a partir de um olhar cuidadoso para o presente, pode-se “alterar” o que está por vir. Por exemplo, se alguém estuda por pouco tempo e acha que não vai passar em uma prova, pode passar a aumentar o período de estudo enquanto não é realizada a prova, ou seja, pode se antecipar em

relação aos possíveis fatos que ainda são um porvir, dando uma sensação de que é possível “modificar” um acontecimento futuro, no caso em referência, a possível reprovação. Do mesmo modo, o indivíduo que faz exercício físico e uma dieta específica visando ter um corpo saudável para retardar o seu envelhecimento, o faz tendo em vista uma “modificação” do que poderia ocorrer naturalmente se fosse sedentário e se nutrisse de quaisquer alimentos.

De fato, como salienta Merleau-Ponty ao referir-se ao “campo de presença”, parece haver uma relação direta entre as dimensões do tempo passado e futuro com um direcionamento do foco para o presente, possibilitando que as ações sejam mais conscientes. É nítida a impossibilidade de o indivíduo manter-se focado o tempo todo no presente, porém, para que seja possível uma maior continuidade no aqui e agora, o tempo atual precisa proporcionar boas experiências, além de autocontrole da parte do indivíduo para se alinhar ao presente, configurando uma relação dialética entre o indivíduo e o ambiente.

Sabe-se que o passado não tem existência material, apenas se presentifica por meio da memória. O porvir, de igual modo, não existe, ele não é. Este só pode estar no presente por meio da antecipação, ou seja, por meio de projeções ou fantasias dos possíveis acontecimentos. O que há, de fato, é o presente, que também não é, pois deixa de ser. Tanto o futuro como o passado podem ser vistos como “presentes”, configurando a temporalidade, pois fazem parte do mesmo momento de mudança temporal apontado por Merleau-Ponty:

A cada momento que chega, o momento precedente sofre uma modificação: eu ainda o tenho em mãos, ele ainda está ali, e todavia ele já soçobra, ele desce para baixo da linha dos presentes; para conservá-lo, é preciso que eu estenda a mão através de uma fina camada de tempo. (p. 558).

No entanto, em dimensão temporal, sabe-se que o futuro é o tempo das incertezas, das apostas, é o tempo em que não se sabe se haverá até mesmo vida para que as ações sejam possíveis. Mesmo assim, será possível se aproximar da previsão que o porvir reserva se houver maior direcionamento das ações realizadas no presente, ou seja, consciência de sua existência e da responsabilidade que esta lhe impõe.

O passado, por sua vez, apesar de ser fundamental por conta de toda construção feita para se tornar quem se é hoje, partindo-se dos elementos constituídos para poder agir, basta uma única ação no presente que colocará em ruínas tudo o que foi produzido existencialmente e a expectativa de continuidade das ações, como por exemplo, o ato de suicidar-se, que sempre se dará no presente na perspectiva de vida do sujeito, posto que, como diz Merleau-Ponty, “existe tempo para mim porque tenho um presente” (p. 568).

Apesar de o tempo presente ser um meio e o futuro reservar o fim que se busca, é no presente que se lança as bases de toda ação de maneira objetiva, ocasião em que há a mediação do que foi produzido no passado e o que se espera que deve ocorrer no futuro. Nessa perspectiva, Merleau-Ponty esclarece que “o presente (no sentido amplo, com seus horizontes de passado e de porvir originários), tem todavia um privilégio porque ele é a zona em que o ser e a consciência coincidem”. (p. 568).

Merleau-Ponty parece ter razão quando aponta para o tempo presente como a dimensão mais importante, principalmente em relação à tomada de decisões, pois é o tempo da liberdade.

Quanto ao exemplo citado acima (a condição de paraplégico), sabe-se que objetivamente não é possível mudar o que causou tal situação. A partir disso, pode-se imaginar que, uma vez que é inviável a alteração física do fenômeno, um dos

caminhos é percebê-lo de modo a fortalecer o próprio sujeito, tendo em vista que esta é uma mudança que é possível ocorrer.

Vale salientar, inclusive, que essa impotência diante dos acontecimentos inalteráveis, permite pensar a importância das escolhas e as responsabilidades que a liberdade impõe, pois o que é vivido hoje se tornará o passado que amanhã se desejará alterá-lo, ou seja, hoje se vive tanto o presente como o próprio passado.

Quando se pensa em escolher algo, como uma profissão a ser seguida, por exemplo, tanto o passado está presente por meio da memória a partir de uma série de conhecimentos adquiridos sobre tal área, como o porvir está presente mediado pela antecipação, visto que a referida escolha permite pensar as perspectivas que a profissão pode oferecer, como as possibilidades de atuação, qual papel será exercido de acordo com a linha seguida, dentre outras.

O indivíduo, inclusive, tem muito mais passado no presente do que o próprio presente, e aqui se nota a importância daquela dimensão do tempo, uma vez que a constituição do sujeito, a sua história é formada do passado. No entanto, o acesso ao passado, por meio da memória, só é possível no presente. Disso decorre a importância do tempo atual para a tomada de decisões, pois as três dimensões do tempo estão confluindo no presente.

Os acontecimentos fazem parte da história do indivíduo, estes, no entanto, mesmo que sejam prejudiciais, não devem ser tão levados em consideração em sua vida; antes, deve-se pensar em como lidar, perceber tais ocorrências, pois é isto o que realmente vai ter maior impacto em suas vivências cotidianas.

Apesar de não poder mudar os acontecimentos que levaram a certo sofrimento, a liberdade para pensar e agir diante das circunstâncias adversas é uma realidade existencial imposta ao sujeito, que pode optar, por exemplo, entre encarar a

intempérie buscando alternativas que visem uma adaptação à nova realidade, aceitando-a e atribuindo outros sentidos ao acontecimento de modo a superar os desafios decorrentes, ou percebê-lo como um grande "peso", gerando enorme sofrimento.

Essa frase possibilita pensar que o que mais importa não é um trágico acontecimento em si, por mais difícil que seja, como é o caso do indivíduo que fica paraplégico, pois muitas situações da vida acabam fugindo do controle humano, de suas escolhas, mas como lidar com tais casos quando surgirem. As escolhas a serem tomadas, mesmo que difíceis e circunscritas, são próprias de alguém que tem liberdade para tal, e estas escolhas só podem ser realizadas no presente, mesmo que a escolha seja não escolher, como bem coloca Sartre, "a escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher. Eu posso sempre escolher mas devo estar ciente de que, se não escolher, assim mesmo estarei escolhendo." (1987, pág. 37).

### Encerramento

Enquanto o sujeito está no mundo, ele concebe a existência de uma temporalidade que já foi ou que está por vir. Depois da própria vida, outros sujeitos poderão também apresentar essa capacidade. Contudo, para o sujeito, a possibilidade de existência do mundo só é vista enquanto ele se encontra no mundo. O capítulo discutido traz a ideia de mundo como o lugar onde os sentidos são atribuídos. Pode-se dizer que quando o sujeito deixa de existir, não há mais mundo, nem sentidos, nem temporalidade, já que ele não experiencia mais nada disso.

Do mesmo modo, um acontecimento que existe para um sujeito, não existe para outro que não tem participação ou conhecimento sobre o mesmo acontecimento. O sujeito testemunha o tempo e é por isso que Merleau-Ponty afirma que o tempo é

um processo que nasce da relação do sujeito com as coisas. Cada um vive um tempo no seu tempo. Ou seja, há um tempo subjetivo e um tempo demarcado cronologicamente, que, por sua vez, não foi discutido no capítulo. O tempo cronológico é aquele demarcado no relógio e no calendário, em que é possível demarcar uma sucessão de acontecimentos. Esse tempo pode servir de cenário para que um acontecimento compartilhado entre sujeitos seja experienciado de formas distintas. Sendo assim, o caráter subjetivo do tempo se torna protagonista do modo como o sujeito percebe o que acontece no presente, passado e porvir.

Historicamente, é possível localizar-se no tempo e localizar acontecimentos passados mantidos no campo da presença por registros e recordações. No entanto, ao considerar o tempo como forma de sentido interna, é pela percepção e pela atribuição de sentidos aos acontecimentos a partir das experiências individuais que existência e temporalidade se relacionam de forma intrínseca. São atribuídos sentidos à historicidade transmitida de um tempo não vivenciado de acordo com a história construída individualmente. A percepção sobre os mesmos acontecimentos é mutável, visto que o passado e o porvir se renovam constantemente no campo presente.

Dado que o sujeito sempre se encontra fisicamente no tempo presente, é apenas pela subjetividade que o passado e o porvir são acessados, em forma de recordação e de antecipação. É com a fluidez que as águas correm no rio que o sujeito se desloca subjetivamente pelo tempo sem se desconectar com o mundo objetivo, pois se ele é capaz de pensar, é porque ele está no mundo. É o “Penso, logo existo” de René Descartes, a que Merleau-Ponty se refere no final do capítulo.

No entanto, o sujeito que é capaz de recordar o passado e antecipar o porvir a qualquer momento, não apresenta domínio sobre essas temporalidades. A percepção sobre o passado, dimensão que não está mais presente no mundo objetivo, pode ser mutável, mas os acontecimentos não mudam. Já o porvir traz a ideia de liberdade, pois é possível para o sujeito especular suas possibilidades e fazer escolhas ao antecipar o porvir e construir sua história.

Sendo assim, compreende-se que o sujeito, que é temporal, que vive o tempo, sofre em função do tempo. Sentimentos como culpa, remorso, raiva, angústia, medo, surgem a partir da percepção de acontecimentos que estão no passado ou de possibilidades que estão no porvir. O trabalho do psicólogo perpassa por essas questões constantemente, pois baseia-se na memória e nas expectativas do sujeito. Por isso, o capítulo e a discussão apresentados nesse trabalho é de fundamental importância para a área, que compreende o ser humano na perspectiva biopsicossocial, assim como é a influência da temporalidade em sua vida, que está presente em todos os âmbitos da sua existência mundana.

#### Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Martins Fontes, São Paulo, 2007.
- CARDOSO, I.A.R. Foucault e a Noção de Acontecimento. *Tempo Social, Revista de Sociologia*, USP, São Paulo, 1995.
- HEIDEGGER, M. A Constituição Fundamental da Historicidade in: *Ser e Tempo*. Editora Vozes, São Paulo, 2005.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- PASCAL, B. *Pensamentos*, XX, 7. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.ngarcia.org), São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/pascal.pdf>>. Acesso em 24 fev. 2019.
- SARTRE, J. P. O Existencialismo é um Humanismo. 3. Editora Abril Cultural, São Paulo, 1987.



SARTRE, J.P. Ser e Fazer: A Liberdade in: *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2007.

VIGOTSKI, L.S. Pensamento e Palavra in: *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. Martins Fontes, São Paulo, 2000.